

SIRVA-SE ENTREVISTA PANÇO

(Versão completa)

Por José Luiz Rios



SIRVA-SE: Pra começar eu queria que você explicasse um pouco como é que rolou o planejamento dessa turnê, e como é que você ta fazendo o processo de divulgação do seu livro mais novo?

PANÇO: Cara, o planejamento está mais ou menos parecido com o da turnê de uma banda, só que tem alguma coisa mais simples e outras mais difíceis. O mais simples é que sou eu sozinho, então os custos não são tão altos, e o mais difícil é que como não é o Jason, não tem show, não tem bilheteria, ou se tem é muito pouco, então pelo que eu to vendo eu acho que vou ter que usar o dinheiro do lucro dos livros pra pagar os custos da viagem, uma boa parte dela, então tem vantagens e desvantagens como sempre, né?

A divulgação eu to tentando um método parecido com o que faço dos CDs, mando pra imprensa, faço uma entrevista aqui, ali, to fazendo essa turnê, que já passou por muito Estados, não só do Nordeste. Ano passado eu fiz novembro inteiro, eu fui à Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, São Paulo, Americana, Bragança Paulista, Goiânia, Brasília e Belo Horizonte. As cidades que eu fui, se eu bem me lembro, depois eu fiz no Rio de



Janeiro uns três eventos diferentes, fiz Resende e Barra Mansa, que são cidades do interior do Rio e agora estou aqui no Nordeste fazendo todas as capitais.

Desde Salvador até Natal, mas Campina Grande, que é a cidade que eu nunca tinha ido com o Jason, nunca fui na vida, primeira vez agora na última terça-feira. Então eu to tentando buscar alternativas, coisas que as pessoas não fizeram, não é nem que eu não queira os métodos normais, mas eu tenho feito o de sempre, assim, do punk rock.

Surgiu de onde essa idéia, de fazer uma turnê, de lançar um livro?

Cara, indiretamente do Henry Rollins do *Black Flag*, da *Rollins Band* e do Jello Biafra do *Dead Kennedys*, que são caras que fazem turnês literárias nos Estados Unidos, são caras que eu ouvi falar. Talvez os primeiros, mas tem outras duas pessoas que eu gosto também que fizeram. Um que eu gosto muito, que é o Bukowski, que é um escritor alemão que já morreu, e morou nos Estados Unidos muito tempo, desde criança, ele fazia muito, e um cara que eu hospedei, que se chama Michael Board e é editor do *Maximum Rock'n'Roll*, um fanzine americano.

Daí ele ficou hospedado lá na minha casa e aí ele falou: “Pô, você acha bom fazer turnê com banda? E muito melhor fazer divulgando livro e tal”. É um cara que indiretamente me incentivou, eu sempre pensei: “Acho que quando eu fizer um livro, eu vou fazer uma turnê com o livro”.

E também coincidiu do livro sair numa época que eu tava com o Jason parado e sem emprego. Então agente fez uma festa no Rio, na casa de um amigo, como aconteceu aqui em Maceió, e era 15 reais o ingresso, tinha duas bandas tocando, e todo mundo levava um livro, um cd e uma cerveja. Então com essa grana, foram umas quarenta pessoas na festa, eu “fiz” uns 600 reais, e foi com essa grana que eu fiz a viagem toda de novembro e partir por aí.

E agora eu to começando outra coisa também, como sempre fiz com os discos, tenho feito algumas trocas pra que outras pessoas tenham o meu livro em outros lugares. Bandas estão viajando e levando o meu livro, então se você for na banquinha de merchandising do **Confronto**, tem o meu livro, o pessoal do **Zeferina Bomba** da Paraíba também distribui o meu livro, o **Agrotóxico** vai ter também, eu já troquei a semana passada com o Felipe da Ideal Shop com a intenção de ter mais uma loja online, porque a distribuição é muito ruim, um país do tamanho desse aqui, do tamanho de um continente.

Você acha que a repercussão maior em cima do livro, se dá pelo fato de ser escrito pelo Panço da banda Jason?

É, acho que sim. Sou eu de qualquer modo.

Você acha que o impacto é mais relativo à literatura em algumas pessoas ao contrário da música?



Não. Talvez o novo cara. É porque na verdade é assim, eu tenho um pouco de dúvida se que eu faço é literatura, não tenho certeza total. O primeiro, principalmente, é um diário de viagem de uma banda de rock, num sei se é considerado literatura como Gabriel García Márquez, um Saramago, Bukowski, Kerouac ou todos os caras da literatura mesmo. Acho que é um diário, e eu não sei se as pessoas encaram muito como literatura.

E o segundo, é que ele é mais literatura, porque ele tem contos, crônicas, não tem muita coisa de diário, as únicas coisas que tem de diário eu maquiei, a pessoa que ler, não tem como saber onde eu estou, em que cidade eu estou. São coisas que aconteceram, mas eu não deixei tão claro, queria muito mudar um pouquinho, e eu acho que ainda não tem, e eu nem sei se vai ter, algum impacto literário no meio.

O livro não saiu em nenhum caderno de literatura em nenhum jornal. Eu acho que é mais, um cara do rock que escreve, como Henry Rollins, eu não sei como funciona pra ele lá no exterior, Jello Biafra e tal. Outro dia eu tava me comparando um pouquinho com Fabio Massari, que é um cara que era VJ da MTV e que tem três livros lançados, e eu acho que ele não se considera muito um escritor, eu acho que é mais um cara que “faz” livros.

Eu acho que está sendo mais encarado assim, o fato de eu ser do Jason, não só do Jason, mas da Tamborete, acaba sendo o conjunto da obra, de impacto assim: “é um livro, de um cara que toca, que é jornalista, que tem a Tamborete, que tem o Jason, que faz turnês.” Aí meio que junta isso tudo, e daí recebe algum tipo de atenção pelo conjunto de tudo que eu faço. Eu acho que é isso.

Como é que foi o processo pra você lançar um livro? O seu selo, Tamborete também funciona como uma editora?

Na verdade é só no nome. A Tamborete, não existe oficialmente, num existe um CNPJ, não é uma empresa. É só um nome que eu criei, e que durante algum tempo que eu era sócio do Rafael, que hoje em dia é dono da Deck Disc. A gente usava todos os documentos da empresa da Deck.

A Deck já existia, agente usava as coisa dele. Quando ele saiu, eu passei a fabricar todas as coisas com o meu CPF, como qualquer mortal. Então, assim, é uma editora porque eu decidi chamar agora de editora, só por isso.

Quando a gente (eu e Rafael) decidiu pelo nome Tamborete eu é que acrescentei o nome “*Entertainment*” ali no final, e que quer dizer entretenimento, então antes de lançar o primeiro CD, eu já tinha a intenção de lançar livros, então ao invés de eu colocar Tamborete Music, Tamborete Records, Tamborete Discos, eu nunca quis isso, eu nunca quis limitar.

Porque eu sempre quis que em algum momento, eu tivesse fazendo outras coisas, como lançar os livros, fazer as camisas. Tem uma galera lá de uma banda do Rio, que se chama **Os Abreus**, que tem produzido o “Tamborete apresenta” que é um evento no formato de



shows, e acho que eles já estão na sétima ou oitava edição, eu não participo, eu vou nos shows, ajudo a divulgar, mas não sou eu que faço, não escolho as bandas, mas de qualquer modo tem o nome da Tamborete ali envolvido em produção de show.

Então, é novamente o conjunto da obra de coisas que são feitas em volta da Tamborete. Eu banco tudo, o livro, esse último foi bancado com uma parte de dinheiro meu, a *Áudio Rebel*, que é um lugar de shows no Rio, o logotipo deles está no verso do livro. Eles me deram uma noite pra eu fazer o que eu quisesse que a bilheteria seria toda minha, pra ajudar no livro.

Não deu muita gente, mas rolou uns quatrocentos reais. Teve uma banda francesa que botou mil e quinhentos reais pra ajudar, mas emprestado e metade do livro foi pago em cheque. O acordo que eu fiz na gráfica foi de pagar metade à vista e a outra metade dividida em trinta e quarenta e cinco dias. Então eu tinha entre trinta e quarenta e cinco dias pra vender o valor da metade da grana que eu precisava pra cobrir, daí eu fui fazendo.

A outra metade da grana, que eu já tinha botado antes, eu fui vendendo ao longo do ano, ainda não sei se está pago, eu ainda tenho que fazer uns cálculos. Mas eu que banquei tudo, banquei a arte toda, o *Flock* que é do Jason, foi quem diagramou, fez a capa. Ele trabalhava pra mim há dez anos, sem nunca cobrar nada, essa é a primeira vez que ele cobra, e já tava na hora até.

Você falou esse lance da Tamborete ser um selo, mas que não lança apenas música, e citou a questão de que nos Estados Unidos as pessoas fazem essas turnês literárias, o pessoal que é envolvido com Punk/Hardcore. Você acha que esses novos tipos de linguagens como filmes e livros são um novo modo de interação desse meio?

Cara, eu acho que sim, agora, levando em conta que agente está muito atrás dos caras lá da cena no exterior, das condições de vida da galera. Aqui por exemplo essa minha turnê do livro, não só a de Novembro do ano passado, como essa, eu gostei muito de fazer, não me arrependo em nenhum momento, quero ir ainda em outras cidades, fazer mais coisas ligadas a esse livro, mas eu já não tenho certeza se eu faria uma turnê do terceiro, é muito difícil, é muito caro fazer, por exemplo, eu fui a Natal e vendi dois livros.

Esses livros eu poderia ter vendido pelo Correio. A repercussão é muito pouca, a repercussão de imprensa no Nordeste foi abaixo do que eu esperava, na maior parte das cidades, eu não sei se faltou esforço, mas eu esperava um pouquinho mais, aí eu fico em dúvida: "será que eu deveria fazer outra?". Eu não sei, falta muito tempo ainda pra sair outro livro, pra eu voltar aqui, ir para o Sul novamente, mas eu acho que é uma nova maneira.

Assim uma coisa que me incomoda, já há algum tempo é a letargia, as pessoas não fazem as coisas, eu que já toquei lá fora, e daí você vai em lojinhas e você entra num catálogo, no site do Henry Rollins, por exemplo, da *Alternative Tentacles* que é a gravadora do Jello



Biafra, cara a quantidade de livros é gigantesca, aqui (no Brasil) a gente ainda num tem nem dez, como é que pode um país desse tamanho e não ter dez livros aí pra vender (de pessoas envolvidas com o punk), tem o meu, o do Quique, (Guitarras e ossos quebrados), do Nenê, tem muito pouco.

É um pouco estranho, quer dizer, tem algo errado e a galera não ta mapeando as coisas que acontecem, a história vai simplesmente se apagar em algumas coisas, porque simplesmente alguém não escreveu, ninguém interessado registrou. Se você ver um documentário sobre a Subpop, que é uma gravadora de Seattle e que já lançou **Mudhoney**, **Pearl Jam**, **Alice in Chains**, sei lá. Tinha o cara que era o fotógrafo da galera, tinha o cara que fazia pôsteres fodas, tinha a gravadora que lançava o pessoal, tinha o cara que filmava documentários, e era todo mundo envolvido com o negócio, não precisou vir alguém de uma major, de uma grande corporação pra fazer, eram pessoas envolvidas na história que faziam.

Voltando um pouco, tem um livro de fotos que saiu lá em São Paulo “Fodido e Xerocado”, isso é legal pra caramba, mas tem que ter muito mais, não é possível que nos últimos trinta anos de rock no Brasil, só saiu, que eu me lembre, esse livro de fotos.

Tem algo um pouco estranho nisso aí, num tem algo um pouco estranho? As pessoas não fotografaram? As pessoas pensam: “eu não vou fazer, ninguém vai comprar”, é um pouco frustrante quando você vai numa cidade a cinco mil quilômetros da sua casa, e vende dois livros, é frustrante, óbvio, mas eu não sei, acho que precisa ser esforçar ou insistir mais, eu realmente não sei.

Você acha que há uma saída legal pra venda de material independente aqui no Brasil, ou em outros países essa saída é maior?

Cara, eu acho que sim, acho que aqui no Brasil vende bastante material também. O **Dead Fish** vende, o **Mukeka di Rato** vende, eu vendo algumas coisas, menos que eles, por isso eu acho que existe uma saída legal aqui sim. Num evento do porte desse que rolou aqui na cidade, sei lá, tinha umas trinta, quarenta pessoas, por essa quantidade você vê que eu vendi uma média de uns doze produtos. Vamos chamar assim, sete livros e cinco camisetas, se você for ver proporcionalmente, se eu vendi doze entre quarenta pessoas. É legal, não é ruim, é uma média de 30%, vamos dizer, então se você vai num show do **Dead Fish** que tem quinhentas pessoas, os caras vendem, de repente, oitenta, noventa camisas.

Não é ruim, só que você tem que ver que o que não tem é o cara que montou a banda a pouco, nunca lançou nada, tocou muito pouco, menos de um mês, essa não vai vender merchandising, não é assim, são mais as bandas que são maiores. Isso é tanto aqui, quanto lá fora.

Mas eu acho que tem, você vê num show do **Confronto** tem vinte tipos de camisas diferentes, todo mundo aposta nisso.



Você veio para o Nordeste como mais uma região do seu roteiro de viagem, ou porquê vê o Nordeste como um lugar com diferencial?

É, eu não sei nem mais quantas vezes que eu já vim ao Nordeste, eu acho que umas vinte, talvez, eu vim tocando seis, vim pra alguns festivais convidado como jornalista, já vim como assessor de imprensa, já vim trabalhando para gravadora, vim com vários motivos.

Já dei várias entrevistas falando como eu gosto de vir tocar aqui com o Jason. Então, nunca, em hipótese alguma esteve cogitado eu não vir para o Nordeste com o livro, isso é inexistente, sempre que eu puder, eu vou vir aqui, disso eu tenho total certeza.

Você acredita que está havendo uma preocupação maior em relação a uma atuação com uma postura mais profissional, e dessa forma as pessoas que produzem estão podendo viabilizar um trabalho de qualidade por um valor mais acessível e justo?

Eu que tenho banda desde 1988, vocês ainda não estavam nem no pré-primário, mas eu conto mais a minha vida nesse negócio de 92 pra cá, que era quando eu tinha a **Soutien Xiita**, se você for comparar 1992 com 2009, é absurda a diferença. De melhor. É muito melhor.

Em 92, você não ia num show e achava um Marshall, uma bateria boa, hoje é muito mais fácil, você vai em qualquer show tem. Hoje você encontra uma Mapex que é uma batera legal e antigamente era aquelas bateras Golpe, eram baterias feitas à mão, lá em Caxias, lá perto de casa.

Aí hoje se você for comparar, tem Internet que é um negócio genial, fantástico, só não é a maior invenção de todos os tempos, por causa do ar condicionado, mas a Internet é um espaço bom demais, então, assim, agente está muito melhor que em 92, só que talvez a Europa seja o nosso 2009 em 1992, em 92 eles já tinha todos os bons equipamentos, já tinha os selos lançando coisas, já estavam muito a frente.

Mas o lance é que teoricamente o Brasil é um país novo, o Brasil tem quinhentos anos, você vai na Alemanha e vê que quando eles já estavam fabricando cerveja, o Brasil só tinha índios, então você vê que a gente ainda ta trabalhando, ainda tem muita coisa pra acontecer, agora, tem muita coisa ruim que ainda acontece, você vai num show e não ganha uma água pra beber, você vai num show e a pessoa que combinou a bilheteria, combinou uma grana não paga, ainda rola muito aqueles shows com doze bandas e quando chega na quarta o seu ouvido já ta doendo, a única coisa que você quer é ir embora, mas ainda faltam oito.

Então, eu não vou mais, eu não tenho idade mais pra ir. Então, lá fora são três bandas, e não começa duas da manhã, começa seis, sete horas, entre dez e dez e meia está todo mundo ainda inteiro, pode tomar uma cerveja e conversar, num é um caos, agente ainda está meio caótico. Eu acho, mas tem muita coisa que melhorou, se você for comparar,



está incrivelmente melhor, é que agente ainda está caminhando, ainda tem muita coisa pra acontecer.

Se você vê o **Confronto**, eu acho, não tenho certeza, é a única banda do Brasil de rock independente/underground que tem um carro próprio, que eles botam a bateria, os amplificadores, tudo. Eles chegam no palco, tiram tudo do local e colocam tudo deles, isso talvez seja a única banda do Brasil que faz (no meio underground). Na Europa, são todas, todo mundo tem uma van, ou tem um carro, tem o equipamento, você vai num show com três, quatro bandas, o camarim parece uma loja de instrumentos, tem cinco cabeçotes, três caixas ali, vários pratos, onde todo mundo trouxe as suas coisas.

Não teve a galera que chega aqui e pergunta: “Pô, cara você não tem um cabo pra me emprestar?”. Não, os caras têm cinco cabos, mesmo que só vá usar um. Tem haver com dinheiro? Tem! Mas tem haver também com organização, é parecido com aquela coisa do trem que sai às 14:18 e se você chegar um minuto sequer depois, ele não está mais lá.

Então, aqui o ônibus hoje saía às 10:30, o ônibus chegou às 10:25, daí faltava embarcar a bagagem de quarenta e cinco pessoas, conferir os documentos, conferir tudo. Nunca vai sair em cinco minutos. Então, falta dinheiro pro Brasil? Claro que falta, mas falta principalmente, organização.

Se é marcada pra tal hora, tem que começar naquela hora. Lá fora você chega nos lugares e pergunta quem é que ta organizando, daí responde um fulano, daí esse fulano vai te responder todas as coisas, não tem um “não sei”. Que horas é a passagem de som? Que ordem eu toco? Que horas é o jantar? Que horas é o café da manhã amanhã? Que horas eu tenho que acordar? Ele fala!

Não tem um “espera aí que eu vou ver”, não tem isso. Isso aí agente ta falando às vezes de um punk de moicano horroroso que não toma banho há dois meses. Então, agente sabe que falta dinheiro, não vou falar que as coisas em Caicó são mais fáceis do que são em São Paulo. Não são, mas falta muita organização ainda, no Brasil todo. Agente precisa ficar um pouquinho mais europeu, pra funcionar.